

**A CAMINHO DO CÉU E DO INFERNO:
CONFIGURAÇÕES DO PEREGRINO
E DO RÉPROBO DA *HISTÓRIA DO
PREDESTINADO PEREGRINO E SEU
IRMÃO PRECITO***

**ON THE PATH TO HEAVEN AND HELL: THE PILGRIM AND THE REPROBATE
FIGURES IN THE *STORY OF THE PREDESTINED PILGRIM AND HIS BROTHER
REPROBATE***

Marcus De Martini

Professor associado no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e bolsista de pós-doutorado sênior (PDS/CNPq) junto ao Programa de Pós-graduação em literatura brasileira da Universidade de São Paulo (USP)
marcusdemartini@gmail.com

Isabel Scremin da Silva

Mestranda em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP)
isabelscremin@gmail.com

Submissão: 7 de dezembro de 2020.

Aprovação 29 de dezembro de 2020

RESUMO: Este artigo objetiva analisar os caracteres principais da *História do Predestinado Peregrino e seu irmão Precito* (1682), do jesuíta Alexandre de Gusmão (1629-1724), observando os preceitos vigentes à sua composição. Mostramos que Predestinado e Precito afastam-se da categoria moderna de personagem, visto não imitarem seres humanos reais e individuais, mas sim lugares-comuns e conceitos teológico-políticos, em um cenário seiscentista colonial e contrarreformista.

Palavras-chave: Alexandre de Gusmão, *História do Predestinado Peregrino e seu irmão Precito*, Personagem.

ABSTRACT: This paper examines the main characters in *The Story of the Predestined Pilgrim and his brother Reprobate* (1682), written by the Jesuit Alexandre de Gusmão (1629-1724), focusing on 17th century precepts of composition. As a result, we show how Predestined and Reprobate do not belong to a modern category of character construction, since they are not an imitation of real and individualized human beings; rather, they embody theological and political commonplaces and concepts, typical of the 17th century colonial practice of the Counter-Reformation.

Keywords: Alexandre de Gusmão, *The Story of the Predestined Pilgrim and his brother Reprobate*, Character.

O jesuíta e suas armas

Alexandre de Gusmão (1629-1724) é nome importante à reconstrução das ruínas coloniais, conquanto hoje muitas vezes esquecido¹. Na América Portuguesa e no interior da Companhia de Jesus, o jesuíta ocupou cargos de elevada função, como os de provincial e de reitor do Colégio de Santos, do Colégio do Espírito Santo e do Colégio da Bahia. Além disso, foi o responsável pela fundação, iniciada em 1686, do Seminário de Belém da Cachoeira, tido como o primeiro internato da colônia portuguesa. De acordo com Freitas (2011), cuja tese traz algumas das cartas escritas pelo jesuíta, Gusmão travou contato com diversas autoridades régias e eclesiásticas e participou ativamente das polêmicas que dividiram a Companhia em fins do Seiscentos e inícios do Setecentos, acerca dos aldeamentos, dos colonos paulistas e da escravização dos indígenas². A partir também de Serafim Leite (2004), observamos em Gusmão uma figura sumamente preocupada com a educação e evangelização de jovens, sobretudo aqueles afastados das cidades³, e com a perfeição espiritual dos cristãos.

1. Convém lembrar que Alexandre de Gusmão (1629-1724) foi preceptor de duas figuras eminentes do período, apontadas por vezes como seus familiares: Bartolomeu de Gusmão (1658-1724), inventor do aeróstato, e Alexandre de Gusmão (1695-1753), diplomata de D. João V.

2. Não sendo nosso objetivo, neste artigo, desenvolver a posição de Alexandre de Gusmão nessas questões, sugerimos, além da tese de Freitas (2011), o artigo de Carlos Alberto Zeron *Da farsa à tragédia: a guerra de facções que pôs fim às esperanças de Antônio Vieira por um Quinto Império e transformou o modo de atuação dos jesuítas no Brasil* (In: GALDEANO, Carla et alii (org.). *Bicentenário da Restauração da Companhia de Jesus* (1814-2014). São Paulo: Loyola, 2014, p. 167-198).

3. Lembrando que, conforme a *Ratio Studiorum* (documento que regulava os programas curriculares de todos os colégios da ordem jesuíta), os jovens não deveriam ter “qualquer mácula de sangue judeu” nem ascendência indígena ou negra até o terceiro grau (LEITE, 2004, p. 245).

Se as armas dos apóstolos e, por extensão, dos jesuítas¹, foram as palavras, armas não faltaram a Gusmão, a quem se atribui uma vasta bibliografia: *Escola de Bethlem, JESVS nascido no Presepio* (1678); *Historia do Predestinado Peregrino, e seu irmão Precito* (1682); *Arte de crear bem os Filhos na idade da Puericia* (1685); *Sermão que pregou na Cathedral da Bahia de Todos os Santos* (1686); *Meditações para todos os dias da semana, pelo exercicio das tres potencias da alma, conforme ensina S.to Ignacio fundador da Companhia de JESU* (1689); *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron, a Virgem Nossa Senhora na Companhia de Jesus* (1715); *Eleyçam entre o bem, & mal eterno* (1720); *O Corvo e a Pomba da Arca de Noé no sentido Allegorico, e Moral* (1734); *Arvore da Vida, Jesus crucificado* (1734)². Desses títulos, o mais conhecido é o objeto deste artigo, a *História do Predestinado Peregrino e seu irmão Precito* (1682)³, que recebeu em 2012 uma edição modernizada por Marina Massimi.

Em comparação às outras produções de Gusmão, a *História do Predestinado* é a única considerada ficcional, devido à imitação de matéria fingida, à diferença dos demais tratados compostos pelo jesuíta. É provável que se destinasse, segundo Massimi (2012), a iniciantes na catequização e na aquisição da leitura, podendo ter sido lida ou ouvida pelos alunos de Gusmão. Participou, portanto, de sua atuação na América Portuguesa, num tempo em que teologia e política andavam de mãos dadas a serviço da Cruz e da Coroa⁴. Queremos dizer, com isso, que a obra em questão, bem como as demais práticas letradas coloniais, possuía uma funcionalidade pragmática entre o Seiscentos e o Setecentos ibérico⁵, em consonância com as ações magistras e administrativas de Gusmão na Companhia de Jesus.

Assim, em plena Contrarreforma, temos os caminhos de Predestinado e de Precito, irmãos em tudo opostos: o primeiro se dirige ao céu e o segundo ao inferno. Para atingir seu destino, Predestinado trilha uma jornada pormenorizadamente descrita, repleta de écfrases que conferem à narrativa uma potente visualidade, fazendo do leitor/ouvinte também espectador. No caminho, o peregrino passa por seis cidades, ou etapas necessárias à salvação eterna: Belém (cidade do desengano, onde Cristo nasceu); Nazaré (cidade onde estão os sete sacramentos); Bethânia (cidade da obediência, onde estão os dez mandamentos); Cafarnaum (cidade da penitência); Bethel (cidade da caridade); Jerusalém (ou céu). Mesmo partindo do mesmo lugar que Predestinado, do Egito (ou do mundo), Precito escolhe a direção contrária, cujas etapas são apresentadas de forma sumariada, com meras indicações dos moradores das cidades, as quais são: Bethaven (cidade da vaidade); Samaria (cidade da idolatria); Bethoron (cidade da liberdade); Édén (cidade do deleite); Babel (cidade da confusão); Babilônia (ou inferno). Em ambos os

1. “[Cristo] Escolheu para isso doze Apostolos, sem outras armas mais, que a palavra de Deos, que, como diz S. Paulo, he mais penetrante, que a espada de dous fios: *Penetrabilis omni gladio ancipiti*” (GUSMÃO, 1734a, p. 255).

2. Freitas (2011) também menciona outros opúsculos de Gusmão, ainda inéditos e, por isso, não acrescentados no corpo deste texto: *Menino Christão*, de 1695; *Vita Gasparis Almeidae, Jesuitae* (citado em *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron*) e *Novitius instructus*, ambos sem data indicada.

3. Doravante, utilizaremos somente *História do Predestinado*, a fim de facilitar a leitura.

4. Sobre a aliança dos poderes espiritual e temporal nas Grandes Navegações, ver a obra de Charles Boxer: *O império marítimo português: 1415-1825* (Trad. Anna Olga de Barros Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002).

5. Utilizamos a expressão “práticas letradas” conforme o artigo de João Adolfo Hansen: *Letras coloniais e historiografia literária* (*Revista Matraca*, Rio de Janeiro, n. 18, p. 13-44, jan.-jun. 2006).

trajetos, os irmãos encontram – e, por vezes, interagem com – governadores, guias e outros peregrinos, nomeados todos conforme o conceito que representam, como os casos de Verdade, Desengano, Rigor Santo, Regalo, Delícia, Maldade etc., etc.

Desconfiamos de que a relativa predileção da crítica pela *História do Predestinado* talvez se deva a um marco nacionalista atribuído a ela posteriormente: o de ser a “primeira novela escrita no Brasil” (MOISÉS, 1990, p. 222). Em outros artigos, essa classificação foi posta em xeque, haja vista a preferência de Gusmão pelos termos “parábola” e “história” (DE MARTINI, 2019; DE MARTINI; SILVA, 2019). Na esteira de estudos como os de João Adolfo Hansen (2004), Adma Muhana (1997) e Alcir Pécora (1994), procuramos então privilegiar as regulações retórico-poéticas e teológico-políticas vigentes durante a composição das obras do jesuíta. Acreditamos que uma abordagem menos anacrônica possa contribuir a uma reconstrução da produção de Gusmão mais condizente para com o período em que foi escrita, contribuindo também ao resgate de aspectos do passado que hoje nos são estranhos ou pouco conhecidos.

Nesse sentido, ao questionarmos a classificação de “novela”, destacamos a distância da *História do Predestinado* frente às noções de individualidade e de casualidade. Em outros termos: o trajeto de Predestinado não seria só de Predestinado, mas sim de todos os bons cristãos que se salvassem; o trajeto de Precito não seria só de Precito, mas dos pecadores que se distanciassem dos preceitos católicos. Cada cidade por onde passam corresponde aos passos necessários, dispostos mediante uma relação de causa e consequência, à salvação ou à condenação da alma. Destarte, considerando a novela um gênero, conforme Auerbach (2013), ligado à ideia de individualismo¹, a *História do Predestinado* estaria mais próxima de uma narrativa em prol da ilustração da doutrina, com fundo moral e destinada à totalidade humana – mais próxima de uma parábola, portanto.

Tendo em vista as adequações do gênero retórico-poético escolhido por Gusmão, procuraremos, neste artigo, analisar os caracteres da *História do Predestinado*, em especial Predestinado e Precito. Antes de tudo, descartamos o conceito de personagem como “seres fictícios construídos à imagem e semelhança dos seres humanos” (MOISÉS, 1988, p. 396), pois observamos que a *História do Predestinado*, ao invés de imitar seres reais e individuais, imita lugares comuns, à semelhança de *exempla* medievais – narrativas estas que, conforme Auerbach (1971, p. 219-220), são “carentes de realismo e meramente didáticas”.

O próprio Massaud Moisés, ao conceder à *História do Predestinado* um espaço considerável em sua *História da Literatura Brasileira*, vislumbra a incompatibilidade entre a noção de personagem e os caracteres da obra: “a ação [...] utiliza alegorias em vez de personagens ‘reais’” (MOISÉS, 1990, p. 221). De fato, podemos afirmar que cada detalhe, cidade, palácio ou encontro assume na *História do Predestinado* um significado outro, um ensinamento moral apreendido do significado literal. No entanto, admitirmos que Predestinado e Precito sejam alegorias não abarca totalmente suas configurações, relacionadas sobretudo às ordenações teológico-políticas e retórico-poéticas seiscentistas, coloniais e contrarreformistas.

Com o fito de observarmos o funcionamento dos atores da *História do Predestinado*,

1. Para Auerbach (2013, p. 30), a novela criada no Renascimento dirige-se a uma sociedade fechada, que começa a desenvolver a noção de individualismo e “a moderna consciência de si”, ao contrário do *exemplum* medieval, em que o mundo é alegoria, e as ações se sucedem de acordo com a lógica de causa e consequência.

na medida em que se afastam das categorias modernas de personagem, buscaremos, num primeiro momento, elucidar os conceitos teológico-políticos de “predestinado” e de “precito” à época de Gusmão; posteriormente, buscaremos analisar a construção retórico-poética dos irmãos, atentando às suas famílias, vestimentas e discursos. Por último, reiteraremos a importância de metodologias e de ferramentas de análise que respeitem o período de composição de obras antigas.

O verdadeiro peregrino e o réprobo

Voltamo-nos agora aos nomes dos irmãos. De acordo com o dicionário de Bluteau (1728, v. 6, p. 684) – que, inclusive, cita a obra de Gusmão –, precito “he o contrario de Predestinado, & val o mesmo que condenado na presciencia Divina. Os Theologos chamão aos Precitos *Reprobi, orum. Masc. Plur.* porque são reprovados de Deos, & lançados para sempre da sua graça”. Tal definição suscita uma dúvida: se “precito” significa estar condenado de antemão, defenderia Gusmão a perspectiva luterana e calvinista acerca da condenação eterna após o pecado original e da predestinação, segundo a qual Deus já conheceria o destino de cada um e nenhuma ação poderia mudá-lo?

Ora, nada estaria tão contrário a Gusmão, defensor e eminente representante da Companhia de Jesus na América Portuguesa. Desse modo, vale adentrar, ainda de maneira breve, no que entendiam os católicos contrarreformistas por “predestinação”, recorrendo, mais uma vez, ao verbete de Bluteau (1728, v. 6), que conceitua o termo como a providência divina acerca do destino de cada um; contudo, não é obliterada a importância do livre-arbítrio, visto que Deus concederia a graça para ser posta em ação: Bluteau (1728), aqui, dá o exemplo de uma vide, cuja produção de uvas só acontece com seu cultivo e manutenção. O exemplo vai ao encontro do conceito de *scientia media*, desenvolvido por outro jesuíta, Luís de Molina (1535-1600), que combina a presciência de Deus ao livre-arbítrio; “ou seja, segundo esse conceito de ‘conhecimento médio’, Deus conheceria de antemão o que uma criatura faria livremente em uma dada situação” (DE MARTINI, 2011, p. 106).

Em *Arvore da vida, Jesus crucificado*, Gusmão afirma, baseado em Tertuliano, que não é “fé verdadeira attribuir tudo à vontade de Deos, sem attender a mais” (GUSMÃO, 1734a, p. 239). A predestinação, definida pelo jesuíta como primeiro fruto da crucificação de Cristo, implicaria não só a concessão da graça divina, mas também seu aperfeiçoamento mediante boas ações. Em outros termos, mesmo que Deus concedesse a graça previamente, para ser mantida ela precisaria ser efetivada em ações que serviriam a seus desígnios na Terra. Segundo Gusmão (1734a), a redenção do messias restituiria a graça aos humanos, perdida pelo pecado original, e a possibilidade, enfim, da glória eterna; a qual, sob chave tipicamente jesuítica, deveria ser expandida a todas as quatro partes do mundo¹, mediante a conversão universal ao catolicismo, iniciada pelos apóstolos e continuada pela Companhia de Jesus.

1. Na época de Gusmão, a Oceania ainda não era conhecida pelos europeus. O capítulo IX da primeira parte da *História do Predestinado*, por exemplo, cita somente quatro continentes: “Lançou os olhos por todas as quatro partes do mundo, admirou na Ásia as riquezas; na África os preciosos metais; na Europa a opulência; e na América a extensão” (GUSMÃO, 1682 *apud* MASSIMI, 2012, p. 75).

Conforme a organização do corpo místico, a Igreja Militante, representada pela Companhia, organizar-se-ia como um corpo encabeçado por Cristo, como um edifício em que cada pedra deveria ser assentada a serviço do conjunto: “Nós todos unidos fazemos hum corpo mystico, cuja cabeça he Cristo: cada hum de nós foy cortado daquella pedra Cristo crucificado” (GUSMÃO, 1734a, p. 262). Não é muito difícil, a partir disso, deduzirmos que o corpo da Igreja Militante, a fim de alcançar a Igreja Triunfante, dependeria fundamentalmente, portanto, dos predestinados, obedientes à hierarquia do conjunto, voltados à manutenção da graça e à obtenção da glória futura; ao revés dos precitos, perigosos à ordem teológico-política desse corpo/edifício, condenados pelo pecado à morte eterna: “ainda que com o peccado fica vivo quanto à vida do corpo, fica morto quanto à vida sobrenatural da Alma” (GUSMÃO, 1734a, p. 281).

Em outra obra póstuma, *O Corvo e a Pomba da Arca de Noé*, Gusmão (1734b) concede um capítulo aos predestinados e precitos, figurados, respectivamente, pelas pombas e pelos corvos. Consoante a lógica interpretativa do jesuíta, assim como Deus escolheria somente as pombas para seu altar, somente escolheria para o Reino dos Céus aqueles que imitassem a inocência, a pureza e a simplicidade das pombas. Ainda mais: os predestinados, ao contrário dos precitos, seriam os que tivessem a vida terrena por desterro e a vida eterna por pátria e os que meditassem sobre o desprezo das coisas terrenas e a estimação das eternas.

Esses seriam considerados, dessa maneira, os “verdadeiros peregrinos”, ou seja, a quem o mundo terreno não é morada, mas sim “vale de lágrimas” – não é à toa, a nosso ver, que o adjetivo “peregrino” acompanha o nome de Predestinado no título. Ao encontro disso, em *Peregrinação Christam*, Tristão Barbosa de Carvalho¹ (1674, p. 16) define o “verdadeiro peregrino” como o que “aprende os segredos das Escrituras” e que segue por um caminho de virtudes, “satisfeito com comer & vestido simples, suspirar pela patria, & encaminhar toda sua cõversação pera alcançar a felicidade eterna” (p. 14). Diametralmente oposto é o caminho do réprobo, obscurecido pelas “paixoens, & concupiscencias, que pervertem o direito juizo” (p. 15). Apesar de defender o livre-arbítrio, o catolicismo contrarreformista não considerava o réprobo (ou precito) livre, senão irracional e, como tal, escravo de suas paixões, cego com a perda da “luz da graça”, incapaz de alcançar a glória eterna.

A oposição entre predestinados e precitos, na verdade, pode ser encontrada ainda em uma das principais referências aos jesuítas, Santo Agostinho, cuja distinção entre “cidade de Deus” e “cidade dos homens” talvez tenha sido uma das bases à invenção de Gusmão:

Acho, porém, que já me alonguei bastante acerca dos grandes e difícilimos problemas das origens do Mundo, da alma e do próprio gênero humano, que separamos em dois grupos: o dos que vivem como ao homem apraz e o dos que vivem como apraz a Deus. Em linguagem figurada chamamos-lhes também duas cidades, isto é, duas sociedades de homens das quais uma está predestinada a reinar eternamente com Deus e outra a sofrer um suplício eterno com o Diabo (AGOSTINHO, 2000, p. 1323).

1. Tristão Barbosa de Carvalho (? – 1632), segundo a *Bibliotheca Lusitana*, de Diogo Barbosa Machado (1741, v. 3, p. 764), foi bacharel formado em teologia, “e muito versado na lição de livros asceticos. Foy familiar da Casa da Serenissima Infante D. Izabel, mulher do Infante D. Duarte”. Embora não tenha sido jesuíta, sua obra acerca da peregrinação cristã, impressa pela primeira vez em 1620, ajuda-nos a entender a noção de “verdadeiro peregrino” para o Seiscentos ibérico.

Para Agostinho (2000), os que “vivem como apraz a Deus” seriam aqueles que, como Abel, na terra peregrinariam em direção aos céus e, por isso, seriam os predestinados ao reino eterno prometido por Deus – reino que não aceitaria Caim nem os demais precitos. Observamos, com isso, uma perspectiva anagógica, direcionada ao fim dos tempos, tanto no que concerne à salvação individual quanto à coletiva; o que, de certa forma, aproximasse do objetivo da *História do Predestinado*, exposto no prólogo: “utilíssimo documento para se salvar” (GUSMÃO, 1682 *apud* MASSIMI, 2012, p. 59).

Como na parábola de Isaías – assim escreve Padre Antônio Vieira no “Sermão da Terceira Domingo da Quaresma” (1655) – unicamente Deus teria o poder de criar e de predestinar: à semelhança do escultor que utiliza uma parte de um tronco para esculpir, enquanto atira a outra à lareira, Deus mandaria os precitos à ardência do inferno, e os predestinados à bem-aventurança do reino dos céus. Contudo, ressaltamos mais uma vez, caberia ao livre-arbítrio do fiel manter ou não o seu destino; afinal, Predestinado e Precito, como dissemos anteriormente, partem do mesmo lugar, porém escolhem direções contrárias, vivendo o primeiro virtuosa e racionalmente, no encaixe de um caminho ordenado e formoso. Se a virtude, para os jesuítas contrarreformistas, corresponde à razão, o caminho de Precito é irracional, amorfo e escravo dos vícios: “vida brutal é a do vício, racional a da virtude; sempre desencaminhado dela foi contra a razão o vício” (GUSMÃO, 1682 *apud* MASSIMI, 2012, p. 103).

Diante do enigma do mundo: os tipos do virtuoso e do vicioso

Com os conceitos de “predestinado” e de “precito” em mente, vejamos o proêmio da *História do Predestinado*:

Enquanto nesta vida militamos, somos todos como desterrados, ou como peregrinos, porque ausentes de nossa pátria, que é o céu; ou como desterrados dela pelo pecado de Adão ou como caminhantes para ela pelos merecimentos de Cristo; vivemos aqui neste vale de lágrimas ou como desterrados ou como peregrinos. Expressamente no-lo diz S. Paulo. *Dum sumus in corpore, peregrinamur a Domino*. O que nos importa é caminhar para a nossa pátria, saber os caminhos e procurar a entrada, para o que nos servirá de guia o exemplo da história, ou parábola seguinte (GUSMÃO, 1682 *apud* MASSIMI, 2012, p. 59).

Podemos notar que o excerto acima estabelece a dicotomia entre desterrados e peregrinos, vinculada à identificação da verdadeira pátria ao céu, e da vida a um “vale de lágrimas”: os primeiros, por não se encaminharem à pátria, permaneceriam condenados pelo pecado de Adão; os segundos, em contrapartida, salvar-se-iam “pelos merecimentos de Cristo” (GUSMÃO, 1682 *apud* MASSIMI, 2012, p. 59). Gusmão constrói sua mimese, por conseguinte, na generalização de todos os seres humanos em duas espécies, tipificadas sob os caracteres epidícticos do virtuoso e do vicioso, ao encontro do que Hansen (2004) chama de mimese “fantástica”.

Segundo Hansen (2004), a contrapelo da mimese “ao natural” e particularizante, a mimese “fantástica” não é certificada por fatos tidos por verdadeiros, senão construída artisticamente pelo artífice, através de *topoi*, e coadunada ao ângulo de visualização do público, daí sua propriedade alegórica e alusiva. Nesse sentido, observamos a generalização de Predestinado e Precito em seus nomes, uma vez que, ao invés de substantivos próprios

individualizantes, são-lhes atribuídos adjetivos genéricos construídos sob o particípio passado.

Ao mesmo tempo, o jesuíta não deixa de apontar diversas personagens bíblicas e históricas, exemplares à configuração dos irmãos, como Francisco Xavier, a quem a obra é dedicada; Caim e Abel, Jacó e Esaú, mencionados no epílogo; Cristo, presença constante na trajetória de Predestinado; ou, ainda, todas aquelas que compõem os capítulos intitulados “Dos raros exemplos”, como São Francisco de Borja, Herodes, Júlio Cesar, Homero, dentre tantos outros. Vale ressaltar que Gusmão decerto tenha se ancorado na noção aristotélica de “exemplo” como recurso argumentativo que “consiste em falar de fatos anteriores” (ARISTÓTELES, 2005, p. 147) e que leva, por indução, à persuasão do ouvinte. Acreditamos, por um lado, que a generalização mimética serviria a Gusmão como uma ferramenta de maior alargamento referencial, pois qualquer leitor/ouvinte poderia identificar-se com Predestinado ou com Precito, comparando suas ações e meditando sobre sua própria vida; por outro, a utilização de exemplos considerados verídicos à época reforçaria a verossimilhança e a credibilidade da mimese “fantástica”.

Augusto (2010) menciona, *en passant*, que poderíamos considerar Predestinado e Precito como “personagens-tipo”¹. Ressaltamos a classificação, pois nos permite antever a configuração dos irmãos baseada em lugares comuns de pessoa, convencionais porque recorrentes na tradição: *tipos*, retoricamente falando, de traços figurativos reutilizáveis em diferentes contextos, “correspondentes de maneira indireta a algum elemento da realidade que eles generalizam” (ZUMTHOR, 1972, p. 121, nossa tradução)². À época de Gusmão, o vocábulo “typo” abarcava ao menos duas noções, conforme o dicionário de Bluteau (1728): molde, ou forma, e modelo exemplar. Na esteira da tradição hermenêutica bíblica, o “tipo” serviria de molde ou protótipo a alguém futuro, o “antitipo”, ambos reais e factuais³. Contudo, tal raciocínio não poderia se aplicar à *História do Predestinado*, visto não se tratar de uma obra profética histórica, em que personagens bíblicas funcionariam como molde ou sombra a serem preenchidas por outras. Na verdade, os irmãos parecem desempenhar o papel de modelos exemplares, com o fim de promover a meditação e a mudança de hábitos no ouvinte/leitor. É sob esse aspecto que acreditamos configurarem-se Predestinado e Precito.

Mais uma vez: não se trata de representação ou reflexo de uma realidade empírica, de aspectos socioeconômicos nem de indivíduos, mas sim de emulação de *auctores* (autoridades) e de “estereótipos” convencionalizados. No caso de Predestinado e Precito, pintam-se tipos epidícticos genéricos, o do virtuoso e o do vicioso, que compartilham da mesma natureza do gênero humano, assim como o fazem os tipos do enamorado, lascivo, avaro, glutão, bêbado etc., citados por Granada (1770) a propósito “del character las descripciones de personas” ou “*notaciones*”. Ademais, no decurso da narrativa, seus

1. “Mesmo não podendo iludir o fato de os peregrinos serem prefigurações de duas versões da vida humana, a que poderíamos chamar personagens-tipo, o seu percurso apresenta algumas *nuances* que não são de menosprezar pela vida psicológica que lhes incute, não deixando, claro, de ter significados morais, como seja a demonstração do livre-arbítrio e do valor da razão” (AUGUSTO, 2010, p. 389-390, grifo da autora).

2. [...] “correspondant de manière indirecte à quelque élément de réalité qu’ils généralisent” (ZUMTHOR, 1972, p. 121).

3. Sobre a tradição hermenêutica bíblica e a noção de “figura”, ver a obra de Auerbach: *Figura* (Trad. Duda Machado. São Paulo: Ática, 1997).

nomes são pluralizados por outros Predestinados e Precitos¹, prova da configuração nada individualizante desses atores.

Com efeito, pensar nos irmãos como exemplos de “classes” de seres humanos parece mais condizente e proveitoso à obra de Gusmão do que presumir a imitação de pessoas “reais”, consoante a suposta subjetividade atrelada à noção de personagem. Além disso, a redução genérica a lugares comuns de pessoas possivelmente atingiria, em fins do Seiscentos, uma dimensão pragmática a serviço do corpo místico teológico-político na América Portuguesa: o tipo “virtuoso” de Predestinado, considerado por Saraiva (2013) como “súdito-fiel”, serviria de exemplo a ser seguido pelos leitores/ouvintes da época, vinculado, dentre outros paradigmas, à racionalidade, liberdade, prudência, temperança e obediência à ordem hierárquica vigente – contrapostos radicalmente à irracionalidade, escravidão das paixões, imprudência, intemperança e desobediência dos viciosos ou de Precito, exemplo de “súdito-infiel”.

Para melhor visualizarmos os paradigmas dramatizados por Predestinado e Precito, a seguinte tabela esquematiza suas famílias:

Tabela 1: Famílias de Predestinado e Precito

Família de Predestinado	Família de Precito
Esposa: Razão	Esposa: Própria Vontade
Filhos: Bom Desejo e Reta Intenção	Filhos: Mau Desejo e Torta Intenção
Filhos nascidos em Belém: Curiosidade e Devoção	Filhos nascidos em Samaria: Desprezo, Estimação, Voluntário e Liberdade
Filhos nascidos em Nazaré: Rendimento do Juízo e Sujeição da Vontade	Filhos nascidos em Bethoron: Voluntário, Melindroso, Espinhado, Amuado, Contumaz, Inobediência, Contumácia, Obstinação, Preguiça e Relaxação
	Filhos nascidos em Éden: Deleite, Regalo, Passatempo, Descanso, Delícia e Recreação
	Filhos nascidos em Babel: Dureza do Coração, Cegueira do Entendimento, Obtinação da Vontade

Predestinado e Precito decidem partir, respectivamente, a Jerusalém e à Babilônia devido à obediência incondicional a suas esposas, Razão e Própria Vontade: “nem Predestinado se afastava um ponto do que Razão lhe ditava, nem Precito obrava mais

1. Quando, por exemplo, Precito estabelece-se em Bethaven, “achou ali muitos do seu nome Precito” (GUSMÃO, 1682 *apud* MASSIMI, 2012, p. 64). Da mesma forma, quando Predestinado entra em Jerusalém, depara-se com “os Peregrinos Predestinados todos de todas as partes do mundo que ali concorrem” (GUSMÃO, 1682 *apud* MASSIMI, 2012, p. 182).

que o que Própria Vontade lhe dizia” (GUSMÃO, 1682 *apud* MASSIMI, 2012, p. 60). Sobretudo, partem devido à educação de seus filhos: na escola da Verdade, Bom Desejo e Reta Intenção aprendem as maravilhas de Jerusalém; na escola da Mentira, Mau Desejo e Torta Intenção louvam as “opiniões de ateu” e as riquezas da Babilônia – lembramos que, três anos depois, em *Arte de criar bem os Filhos na idade da Puerícia* (1685), Gusmão afirmaria a importância da educação cristã e devota à própria salvação dos pais.

Dessa maneira, os familiares impulsionam as ações dos irmãos, servindo fundamentalmente à contraposição do “virtuoso” e do “vicioso”. Queremos dizer, em relação às esposas e aos filhos de Predestinado e de Precito, que o estatuto de personagem demonstra-se ainda mais enfraquecido. Indício é o aumento das descendências no decurso das trajetórias: a cada etapa, mediante o gradual fortalecimento da graça de Predestinado, simultâneo ao distanciamento da glória eterna de Precito, nascem novos filhos, ampliando os paradigmas necessários àqueles que desejassem tanto avançar na salvação, quanto afastar os múltiplos e numerosos males que a impossibilitariam. A prole do réprobo, muito maior do que a do peregrino, segue a típica proporção de muitos viciosos para poucos virtuosos.

Antes de os irmãos deixarem o Egito ou o mundo, há a tópica da origem, que justifica a partida: descendentes de Agar, “que significa peregrina, aquela que primeiro foi escrava de Abraão, e depois foi desterrada por ódio de sua senhora Sarai” (GUSMÃO, 1682 *apud* MASSIMI, 2012, p. 60). O relato bíblico insere-os indiretamente em uma discussão entre os Padres da Igreja, presente na epístola de São Paulo aos Gálatas. Agostinho, em *A Cidade de Deus* (2000), retoma a hermenêutica alegórica do apóstolo: Agar como figura da Jerusalém terrestre; Sara como figura da Jerusalém celeste. Ismael, filho da primeira, fruto da carne; Isaac, filho da segunda, fruto da promessa. Segundo o Bispo de Hipona, a natureza corrompida pelo pecado só se libertaria pela graça divina; assim, a escravidão da carne ao espírito resultaria na liberdade dos céus. Com isso, Gusmão parece dialogar com a tradição exegética das Sagradas Escrituras – Predestinado e Precito, filhos ambos da carne, representariam as duas partes da Jerusalém terrestre, respectivamente, a que busca na graça e na subjugação das vontades a libertação eterna, e a que permanece no pecado original.

A preparação no início das jornadas corresponde ao cuidado das vestes dos irmãos, beirando a uma composição emblemática, alegórica porque unida por uma sucessão de metáforas:

Por hábito vestiram o da graça, que se chama de batismal, nos ombros lançaram as esclavinas cortada (*sic*) da pele do Cordeiro de Deus que é Cristo, a que chamaram Processão Divina; na cabeça puseram o chapéu, que diziam Memória da salvação; na mão tomaram o bordão de peregrinos, a que chamam Fortaleza de Deus, cortado de uma árvore que só no Paraíso nasce; calçaram as alparcatas, das quais uma se dizia Constância, outra Perseverança; ao ombro lançaram o alforje cheio de bons propósitos; na cinta, um cabacinho, que chamam Coração cheio de um vinho, que dizem Conforto espiritual; na bolsa meteram três moedas, com que o mais se compra, que chamam Bem Olhar, Bem Penhor e Bem Falar (GUSMÃO, 1682 *apud* MASSIMI, 2012, p. 62).

Franco Jr. (2010), ao abordar a prática da peregrinação, destaca a uniformidade das roupas dos peregrinos medievais, sinal da coletividade entre os indivíduos no caminho à pátria celeste. A vestimenta comportava não só uma razão prática, como também simbólica: a capa ou esclavina “protegia das intempéries e tinha caráter penitencial”; o chapéu “resguardava a cabeça e o rosto [...] para indicar circunspeção” (FRANCO

JR., 2010, p. 69); o cajado, terceiro apoio no andar, designava a Santíssima Trindade; e assim por diante. Ressignificados por Gusmão, sob clave jesuítica e contrarreformista, as roupas e os objetos portados por Predestinado e Precito sugerem tanto a recuperação da graça e salvação divinas quanto a igualdade entre os irmãos, cujos destinos dependem fundamentalmente de suas escolhas ao deixarem o Egito.

Assim como as proles aumentam conforme o avanço de ambas as trajetórias, as vestes gradualmente mudam. Ao estabelecer-se em Bethaven, por exemplo, Precito precisa “largar o hábito honesto e santo” do batismo e “acomodar-se ao traje vão dos demais” (GUSMÃO, 1682 *apud* MASSIMI, 2012, p. 64). Em contrapartida, às vestes de Predestinado são acrescentados outros apetrechos, como mais uma esclavina, chamada Proteção da Virgem; um ferrão, Seguro, à ponta do bordão; uma fita ao chapéu, Memória da Condenação; duas solas às alparcatas, Cautela e Vigilância, dentre outros.

Após passarem pela porta Abnegação de Tudo, “que só se abre para sair” (GUSMÃO, 1682 *apud* MASSIMI, 2012, p. 62), Predestinado e Precito atravessam uma mata repleta de lobos, leões e raposas, alegorias das “paixões da vida” – remetendo-nos ao início da trajetória de Dante. Seus caminhos se separam quando aparecem o Anjo Bom e o Anjo Mau, que os guiam a Belém, ou Cidade do Desengano, e a Bethaven, ou Casa da Vaidade. Doravante, pouca atenção daremos a Precito, à custa da falta de maiores dados à análise – como dissemos, as passagens referentes ao réprobo são assaz sucintas. Predestinado, por sua vez, em sua evolução de iniciante e proficiente a perfeito religioso, apresenta o primeiro discurso à entrada de Belém:

em poucos dias [Predestinado] avistou a formosa Cidade de Belém, entre as principais da Judeia, de nenhuma sorte a menor, Cidade onde nasceu nosso Rei, com cuja vista sumamente se alegrou, e, não lhe cabendo no peito o gozo, rompeu nas palavras seguintes: Deus te salve, ó Belém, formosa Cidade de Deus, Casa do pão, Oriente luminoso, donde o Sol nasceu, pátria de Deus, Cidade de David; mais venturosa és por nascer em ti Jesus do que foste gloriosa por nascer em ti David; alegre venho a ti, alegre me recebe entre teus muros, assim como alegremente recebeste o Salvador (GUSMÃO, 1682 *apud* MASSIMI, 2012, p. 65).

Maravilhado por estar na cidade onde supostamente Cristo nascera, o peregrino não consegue conter a emoção; seu louvor configura um discurso patético e amplificador, no sentido de moção do *pathos*, de ordem epidítica. Tipo virtuoso que se torna *persona* retórica quando fala, Predestinado profere, de modo geral, três ordens de discurso: de louvor ao que vê, de lamento ao destino de seu irmão Precito e de dúvida aos guias que lhe desvendam a moralidade das aparências. Vejamos alguns excertos exemplares de cada um:

Às portas, pois, desta Cidade soberana [Jerusalém] se via já Predestinado, rebentando por entrar e não lhe cabendo no peito o coração, nem as lágrimas nos olhos, chorando rompeu nestas palavras: Deus te salve, ó doce Pátria, Cidade de Refúgio, Porto Seguro, Terra de Vivos, Paraíso de Deleites, Casa de Deus, Palácio Celestial, Casa Bem-Aventurada, Jardim de Flores, Corte de Imensa Grandeza, Praça de Todos os Bens e Termo Feliz de minha Peregrinação! Deus te salve Jerusalém Celeste, Pátria comum de todos os Peregrinos, Refúgio de Desterrados, Palma dos que Militam e Coroa dos Predestinados! (GUSMÃO, 1682 *apud* MASSIMI, 2012, p. 184).

Chegaram estas novas [de que Precito estava a professar a doutrina de Epicuro] a seu Irmão Predestinado, de quão desencaminhado ia seu amado irmão. Com as lágrimas nos olhos dizem que exclamara desta sorte: Ó Vontade Própria, que assim nos precipitas! De ti nos vem todo o mal e de ti a perdição! Nunca Precito, meu irmão, se perdera, se contigo não se casara. Quão errado andaste, ó desencaminhado irmão,

em seguir os impulsos da Vontade e não os passos da Razão; ó Filhos de Precito, quão mal criados sois à Vontade e quão mal aventurados sereis! (GUSMÃO, 1682 *apud* MASSIMI, 2012, p. 106).

Muito se admirou¹ Predestinado de ouvir semelhante razão e perguntou a Religião, dizei-me Virgem, e por que não é assim nas mais partes onde se prega a Palavra de Deus? Por que muitas vezes hei ouvido a esta Virgem Palavra de Deus muito ornada de ricas peças, enfeitada com lindas flores, seguida de copiosos concursos, e não vi os mistérios que aqui vejo? (GUSMÃO, 1682 *apud* MASSIMI, 2012, p. 86).

Os discursos acima transcritos são impulsionados (a) pelo arrebatamento de Predestinado às portas de Jerusalém; (b) pelas notícias do irmão Precito; e (c) pelo emblema misterioso no palácio de Nazaré. A nível elocutório, nos dois primeiros casos a moção das paixões se evidencia (e é engendrada) pelo uso de frases exclamativas acompanhadas de apóstrofe, esta última definida por Lausberg (2004) como o momento em que o orador, distanciando-se dos ouvintes, dirige-se, por exemplo, a pessoas ausentes ou a fenômenos geográficos. Assim o é quando Predestinado invoca não só a cidade de Jerusalém (“ó doce Pátria”) e seus tantos outros epítetos grandiosos, como também Vontade Própria (“ó Vontade Própria”), apartada do peregrino desde a separação dos irmãos e imprecada pelo descaminho de Precito.

No terceiro, temos a suspensão de Predestinado diante de um emblema em que são descritas as imagens de Palavra de Deus, Intenção, Atenção e de outras virgens que mais cuidam do pregador do que daquilo que é dito – parecendo ao peregrino, antes da explicação de Religião, um grande enigma, isto é, uma alegoria hermética e “fechada sobre si mesma” (HANSEN, 2006, p. 54). Em termos gracianescos, Predestinado parece estar diante de uma “ponderação misteriosa”, fruto do engenho do artífice em unir conceitos extremos, promovendo a suspensão da curiosidade do leitor/ouvinte e, conseqüentemente, aumentando o deleite e o ensino. Para Gracián (1669, p. 41), “la verdad quanto mas dificultosa, es mas agradable: y el conocimiento que cuesta, es mas estimado”. Sendo a ponderação resolvida com o desempenho da razão, é engenhoso tanto quem a compõe quanto quem, como um Teseu mental, vence os labirintos do discurso.

Não queremos dizer que a *História do Predestinado* necessariamente seja engenhosa, aguda e hermética, uma vez que ela se estabelece a partir de um ouvinte/leitor iniciante na leitura e no catolicismo. Ainda, isso não impede Gusmão de utilizar conceitos seiscentistas da agudeza para atingir seus leitores/ouvintes, aliando o comprazimento ao aprendizado da narrativa. Aos olhos de Predestinado, a visualização de um quadro emblemático sem sua explicação poderia parecer demasiado difícil de compreender; logo, o desempenho é oferecido pelos guias: no caso, por Religião, que responde posteriormente às dúvidas do peregrino e lhe desvenda os significados morais do que parecia enigmático – após um prolongamento da curiosidade de Predestinado e de seu esforço por compreensão, capaz de causar-lhe intensa movimentação do *pathos* e, conseqüentemente, maior deleite à obra.

Consideremos os destaques de Muhana (1997, p. 311) acerca das preceptivas quinhentistas: “quando Pires de Almeida expõe que mediante as perturbações sofridas o ouvinte aprende a doutrina das coisas que elimina as mesmas perturbações, ele concorda em que nisto está conjuntamente sua possibilidade de deleite”. Assim, a perturbação do ânimo

1. Em vez do termo “admirado”, Gusmão empregou, na edição de 1682, “maravilhado”. Mantivemos a modificação de Massimi (2012), conquanto entendamos a importância da *maravilha* no Seiscentos, como bem o atestam os preceptistas do período, cf. Muhana (1997, p. 311).

de Predestinado, e dos leitores/ouvintes, pode até ser prolongada, mas encontra seu fim, e a ordem racional das explicações dos guias procede à confusão patética do peregrino. “Espantado”, “maravilhado” e “admirado” são adjetivos frequentemente atribuídos a ele, forma também de promover a amplificação das coisas que vê e ouve, de torná-las maiores, mais formidáveis ou calamitosas; recurso, segundo a *Rethorica Ecclesiastica* de Granada (1770, p. 143), propício não somente para “convencer al entendimento, para que crea ser la cosa maxima en su genero, sino inducir tambien à la voluntad al amor, o al odio, o à otro qualquier afecto”. Granada (1770) então vislumbra a capacidade de um ensino deleitoso, persuasivo ao atingir as potências do entendimento e da vontade do ouvinte/leitor.

A configuração do tipo virtuoso de Predestinado, que provavelmente permitia a identificação dos leitores/ouvintes na época, assenta-se, sobretudo, em seus discursos diretos. Com efeito, o peregrino executa poucas ações propriamente ditas; em geral, deixa-se obedientemente guiar a palácios, salas, chafarizes, jardins, dentre tantos outros espaços que servem à sua contemplação e admiração. Em uma via de mão dupla, o caráter (éthos) de Predestinado é construído mediante suas falas, ao mesmo tempo em que suas falas são estabelecidas segundo seu caráter. Tropo retórico, *sermocinatio*, chamado por Granada (1770) de “razonamiento fingido”, define-se quando o orador acomoda com decoro um discurso na boca de outrem, isto é, quando imita “a maneira de falar característica daquela pessoa” (LAUSBERG, 2004, p. 254), em diálogo ou em solilóquio. O recurso elocutório aparece, por vezes, relacionado à etopeia, que pode recobrir tanto o éthos quanto o *pathos* da *persona*, à medida que esta, respectivamente, caracteriza-se por justificar suas ações ou exprimir seus afetos – ou, ainda, faz ambos: etopeia ética, patética ou mista (MUHANA, 1997).

No caso de Predestinado, suas falas não contradizem seu éthos: elas não só o encenam como também o constroem, a partir, principalmente, do *pathos*. Maravilhando-se com o mundo às avessas, onde as riquezas temporais nada valem comparadas às virtudes eternas e onde os sofrimentos terrenos equivalem à bem-aventurança nos céus, Predestinado denota o aprendiz do catolicismo, do raciocínio lógico, da leitura, da prudência, da tranquilidade da alma e do controle dos apetites. Durante todo o percurso, o peregrino aprende, em especial, a desvelar pacientemente as aparências, descobrindo a moralidade do que vê. Através de um processo de espelhamento, Predestinado imerge em um percurso alegórico que o ensina, concomitantemente, a interpretar as alegorias.

Não podemos deixar de ressaltar que Precito também profere um discurso, único, ao fim de sua jornada, quando já reconhecido como réprobo em Babilônia e atormentado pelo Bicho da Própria Consciência, que lhe atinge as três potências da alma – memória, entendimento e vontade:

Oh, irmão meu Predestinado (dizia), quão feliz é a vossa sorte e quão mal-aventurada a minha! Quão acertado andastes em caminhar pelo desengano da vida para Jerusalém e quão errado eu em caminhar pela vaidade para Babilônia! Oh, maldita seja Própria Vontade, que enganou os malditos meus filhos, que me tiraram de meu sentido para caminhar por Bethaven e não, como vós, por Belém. Quão facilmente pudera ser Bem-aventurado como vós e, como vós, seguisse os passos da Razão. Porém, já sinto com o meu mal, o meu engano, já vejo o fruto da minha loucura, já padeço eternamente o castigo de meus pecados. Com estas e outras palavras cheias de ira e de confusão naquele eterno pranto e ranger de dentes que Cristo diz no Evangelho persevera ainda hoje o miserável condenado Precito e persevera, assim, enquanto Deus for Deus, por toda a eternidade (GUSMÃO, 1682 *apud* MASSIMI, 2012, p. 180).

Disposto na última parte da obra, o discurso de Precito, desenganado e iracundo nos tormentos do inferno, segue a etopeia patética promovida pela expressão do *pathos* do tipo vicioso, que lamenta e vitupera, tarde demais para se salvar, suas escolhas. À semelhança das falas de Predestinado, Precito parte do recurso apostrofático, dirigindo-se ao irmão ausente e, por meio da comparação dos caminhos, contrapondo alguns paradigmas entre peregrinos e desterrados: bem-aventurança *versus* má-ventura; desengano *versus* vaidade do mundo; racionalidade *versus* loucura. Há também, como vimos num dos excertos relativos às falas de Predestinado, a imprecisão à Própria Vontade, responsável pelo desgoverno do marido. De certa forma, o discurso de Precito encena a principal função de sua trajetória, a de amplificar a virtuosidade das escolhas de Predestinado, ao mesmo tempo incutindo horror àqueles que decerto se identificassem com o réprobo – horror ainda mais amplificado com o eterno pranto e ranger de dentes mencionados ao fim do excerto.

Encerrando esta seção, retornamos ao início da obra: “impossível é caminhar a cabeça por um caminho e os membros por outro; Cristo, que é a cabeça, começou sua carreira por Belém, que é casa de Desengano, nós que fomos membros, como poderemos caminhar por Bethaven, que é casa de Vaidade?” (GUSMÃO, 1682 *apud* MASSIMI, 2012, p. 80). Ora, sob clave católica, contrarreformista e jesuítica, quem caminha pela vaidade é Precito, membro desobediente, capaz de adoecer, com suas escolhas, o coletivo teológico-político da Igreja. Precito não aceita guias, não sabe ler alegoricamente o mundo, age sem prudência e, por isso, não toma decisões corretas para chegar aos céus. Predestinado, pelo contrário, imita os passos de Cristo, segue os guias que lhe aparecem, adquire hábitos virtuosos e adequados, conserva a graça, obedece aos ditames católicos e contribui à saúde do corpo teológico-político¹.

Frente ao enigma do mundo, por conseguinte, há somente duas vias. Os peregrinos podem não decifrá-lo: desviando do caminho ao céu, seus tropeços levam à Babilônia e à confusão enganosa de uma jornada monstruosa, sem razão nem ordenamento. Em contrapartida, o desvelo do enigma permite a retidão de uma trajetória cujos sofrimentos terrenos serão recompensados eternamente, necessitando para isso de guias. Quem seriam eles? No caso de Predestinado, Cristo e as várias virtudes que lhe aparecem e lhe ensinam o desengano do mundo. No caso do leitor/ouvinte, o catequizador ou, até mesmo, um livrinho composto para iniciantes, que adoça as verdades do ensino com os deleites de uma parábola na qual o ouvinte/leitor se espelha.

Considerações finais

Neste artigo, procuramos observar o comportamento dos caracteres de uma obra seiscentista, levando em consideração certas noções próprias do tempo em que foram compostos – no caso, Predestinado e Precito, da *História do Predestinado Peregrino e seu irmão Precito*, de 1682, de Alexandre de Gusmão, eminente figura da Companhia de Jesus na América Portuguesa. Como ponto de partida, desvencilhamo-nos da categoria moderna

1. Indicamos, ainda, o artigo de Carlos Ziller Camenietzki (2014), pois oferece outra interessante possibilidade de interpretação dos peregrinos de Gusmão à luz das polêmicas da monarquia portuguesa, envolvendo os irmãos d. Afonso VI e d. Pedro.

de personagem enquanto imitação de seres humanos reais e individuais, pois, à época de Gusmão, a noção de individualismo, como a conhecemos, sequer existia. Sua composição, buscamos comprovar, dramatiza conceitos teológico-políticos de suma importância ao cenário contrarreformista e colonial, como os de “predestinado” e de “precito”. Nesse sentido, o verdadeiro peregrino, além de ser destinado aos céus por Deus, manteria com seu livre-arbítrio a vontade divina; já o réprobo, ou precito, estaria determinado ao inferno por livremente se desviar da razão e da virtude.

Na segunda parte do texto, buscamos analisar as configurações retórico-poéticas de Predestinado e Precito, tendo sempre em vista algumas variáveis da produção de Gusmão: seu ouvinte/leitor, incipiente no catolicismo e na leitura, e o propósito de ensino, aliado ao deleite, de dogmas católicos. Desse modo, observamos a imitação dos irmãos baseada em dois lugares comuns, o do vicioso e o do virtuoso: Predestinado e Precito serviriam, portanto, de modelos a serem ou não seguidos pelos leitores/ouvintes de Gusmão. Suas famílias e suas vestimentas, nesse caso, encenam diversos paradigmas do bom e do mau cristãos, isto é, daquele que colabora com o corpo-místico da Igreja e daquele que lhe oferece perigo. Seus discursos, por seu turno, constroem-se sob artifícios retóricos que engendram louvores e vituperações, exprimindo exaltações ou imprecizações diante da bem-aventurança celeste e do enigma do mundo.

Procuramos salientar, até aqui, a importância de metodologias que ofereçam a obras anteriores ao Romantismo ferramentas outras de análise. Acreditamos que uma narrativa seiscentista como a que abordamos não deva ser lida à semelhança de, por exemplo, um romance oitocentista, por conta de suas diferentes condicionalidades históricas. Uma abordagem comprometida a aspectos que hoje nos são alheios, mas que vigoraram no passado, pode contribuir, enfim, às escavações das letras coloniais, as quais têm se mostrando, cada vez mais, terreno fértil a novas, e várias, descobertas.

Referências Bibliográficas

AGOSTINHO. *A Cidade de Deus*. Trad. J. Dias Pereira. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. v. 2.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad. Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Trad. George Bernard Sperber. São Paulo: Perspectiva, 1971.

_____. *Figura*. Trad. Duda Machado. São Paulo: Ática, 1997.

_____. *A Novela no Início do Renascimento: Itália e França*. Trad. Tercio Redondo. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

AUGUSTO, Sara. *A alegoria na ficção romanesca do Maneirismo e do Barroco*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário português & latino: aulico, anatomico, architectonico*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 - 1728. 8 v. Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>>. Acesso em: 08/03/2019.

BOXER, Charles. *O império marítimo português: 1415-1825*. Trad. Anna Olga de Barros Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CAMENIETZKI, Carlos Ziller. Ecos do escândalo. Os peregrinos do padre Alexandre de Gusmão em Portugal do século XVII. *Sigila*, n. 33, p. 87-97, 2014.

CARVALHO, Tristão Barbosa de. *Peregrinação Christam*. Que contem hum epilego das Obras de Deos N. S. desde a criação dos Anjos, do mundo, do homem, da vida, da paixão, & morte do Redemptor, & da Virgem S. Nossa, com a Predestinação, e Sinais dos predestinados, até a Triunfante, & Celestial Cidade de Hierusalem. Dirigida ao Illustrissimo Senhor D. Alexandre da Silva, Bispo D'Elvas, do Conselho De Sua Alteza, &c. Lisboa: Antonio Craesbeeck de Mello, 1674.

DE MARTINI, Marcus. *As Chaves do Paraíso: profecia e alegoria na obra de Padre Antônio Vieira*. 2011. 277p. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

_____. O que a “primeira novela brasileira” pode nos dizer sobre o papel das letras coloniais no estudo de literatura? *Revista USP*, São Paulo, n. 121, p. 79-94, abr./maio/jun. 2019.

_____.; SILVA, Isabel Scremin da. As flores e os frutos da História do Predestinado Peregrino e seu irmão Precito. *Revista de Estudos de Cultura*, Sergipe, v. 4, n. 12, p. 35- 48, set. dez. 2019.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. A utopia que não está no fim da viagem: a peregrinação medieval. *MORUS - Utopia e Renascimento*, Campinas, n. 7, p. 59-82, 2010.

FREITAS, César Augusto Martins Miranda de Freitas. *Alexandre de Gusmão: Da Literatura Jesuíta de Intervenção Social*. 2011. 517p. Tese (Doutorado em Literaturas e Culturas Românicas) – Universidade do Porto, Porto, 2011.

GRACIÁN, Baltasar. *Agudeza y Arte de Ingenio*. Antuérpia: En casa de Geronymo y Iuanbaut, 1669.

GRANADA, Luís de. *Los seis libros de la Rhetorica Ecclesiastica*. Barcelona: Imprensa de Juan Jolis, 1770.

GUSMÃO, Alexandre de. *Escola de Bethlem, JESVS nascido no Presepio*. Dedicado ao Patriarca S. Ioseph. Evora: Oficina da Universidade, 1678.

_____. *Historia do Predestinado Peregrino, e seu irmão Precito*: Em a qual debaxo de huma misteriosa Parabola se descreue o sucesso feliz, do que se ha de saluar, & a infeliz sorte, do que se ha de condenar. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes, 1682.

_____. *Arte de crear bem os Filhos na idade da Puericia*. Dedicada ao Minino de Belem, JESV Nazareno. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes, 1685.

_____. *Sermão que pregou na Cathedral da Bahia de Todos os Santos*. Nas Exequias do Illustrissimo Senhor D. Fr. Ioam da Madre de Deos, Primeiro Arcebispo da Bahia, que faleceo do mal commum que nella ouve neste Anno de 1686. Dedicado ao Excellentissimo Senhor D. Antonio Luis de Sousa Tello, e Menezes. Lisboa: Oficina de Miguel Manescal, 1686.

_____. *Meditações para todos os dias da semana, pelo exercício das tres potencias da*

alma, conforme ensina S.to Ignacio fundador da Companhia de JESU. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1689.

_____. *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron, a Virgem Nossa Senhora na Companhia de JESU*. Dedicada à mesma soberana Virgem em sua gloriosa Assumpção. Lisboa: Officina Real Deslandesiana, 1715.

_____. *Eleyçam entre o bem, & mal eterno*. Lisboa Occidental: Officina da Musica, 1720.

_____. *Arvore da Vida, Jesus Crucificado*. Dedicada à Santissima Virgem Maria N. Sra. Dolorosa ao Pé da Cruz. Lisboa Occidental: Officina de Bernardo da Costa de Carvalho, 1734a.

_____. *O Corvo e a Pomba da Arca de Noé no sentido Allegorico, e Moral*. Lisboa Occidental: Officina de Bernardo da Costa, 1734b.

HANSEN, João Adolfo. *A Sátira e o Engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial; Campinas: Ed. da Universidade de Campinas, 2004.

_____. *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*. São Paulo: Hedra; Campinas: Editora da Unicamp, 2006a.

_____. Letras coloniais e historiografia literária. *Revista Matraca*, Rio de Janeiro, n. 18, p. 13-44, jan.-jun. 2006b.

LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de retórica literária*. Trad. R. M. Rosado Fernandes. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2004.

LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 2004. v. 3, 5, 6, 7.

MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana Historica, Critica, e Cronologica*. Na qual comprehende a noticia dos Authores Portuguezes, e das Obras, que compuserão desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente. Lisboa: Na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741, v. 1.

MASSIMI, Marina (org.). *A novela História do Predestinado Peregrino e de seu irmão Precito (1682): Compêndio dos saberes antropológicos e psicológicos no Brasil Colonial*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 5 ed. São Paulo: Cultrix, 1988.

_____. *História da Literatura Brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1990. v. 1.

MUHANA, Adma. *A Epopéia em Prosa Seiscentista: uma definição de gênero*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

PÉCORA, Alcir. *Teatro do Sacramento: a unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antonio Vieira*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo; Campinas: Ed. da Universidade de Campinas, 1994.

SARAIVA, Harrison Martins. *Teologia e política na América Portuguesa: Estudo da História do Predestinado Peregrino e de seu irmão Precito, do Padre Alexandre de Gusmão (1629-1724)*. 2013. 157f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Universidade

Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

TEIXEIRA, Ivan. *Roteiro da poesia brasileira: Raízes*. São Paulo: Global, 2008.

VIEIRA, Antônio. Sermão da Terceira Dominga da Quaresma. In: _____. *Sermões*. Erechim: Edelbra, 1998.

ZERON, Carlos Alberto. Da farsa à tragédia: a guerra de facções que pôs fim às esperanças de Antônio Vieira por um Quinto Império e transformou o modo de atuação dos jesuítas no Brasil. In: GALDEANO, Carla et alii (org.). *Bicentenário da Restauração da Companhia de Jesus (1814-2014)*. São Paulo: Loyola, 2014, p. 167-198.

ZUMTHOR, Paul. *Essai de poétique medievale*. Paris: Éditions du Seuil, 1972.